

PERFORMANCE SE INSTALA EM ESPAÇO EXCLUSIVO NA SP-ARTE

Linguagem ganha área de 220m² na feira, em estratégia para criar diálogo com o mercado

NELSON GOBBI

Enviado a São Paulo
nelson.gobbi@oglobo.com.br

Após passar por estandes de mais de 130 galerias na 14ª edição da SP-Arte (evento que segue até domingo na capital paulista), o público se depara com uma passagem de cerca de 1,5 metro, pintada de vermelho. A porta delimita a área de 220 m² dedicada à performance, linguagem que já fazia parte da feira desde 2015, mas que, este ano, ganhou um espaço exclusivo.

A primeira visão de quem entra é o artista goiano Paul Setúbal segurando uma corda que sustenta no ar, por meio de um intrincado sistema de roldanas, uma escultura de Franz Weissmann de 250 quilos, emprestada por uma colecionadora. O esforço do artista para manter a obra suspensa durou mais de dez horas, tempo em que o espaço ficou aberto ao público.

A mudança de registro se faz sentir logo; muita gente per-

manece olhando antes de decidir entrar. Após passar por corredores repletos de obras de nomes que movimentam cifras astronômicas pelo mundo, como o britânico Damien Hirst, o chinês Ai Weiwei ou o alemão Wolfgang Tillmans, o visitante se depara com uma realidade contrastante, na qual o corpo é a obra.

— O sistema de roldanas faz com que a escultura tenha, para mim, um peso um pouco abaixo do meu, de 64 kg, o que faz com que eu não seja arremessado no ar. Mas qualquer deslizamento pode fazer com que a peça caia. Para suportá-la durante todo o tempo, o corpo compensa os músculos que começam a falhar — explica Setúbal, que foi indicado ao Prêmio Pipa no ano passado. — É muito significativo que seja um Weissmann, aqui no prédio da Bienal, no momento convertido em uma feira. São muitas camadas de leitura sobre o “peso” da arte.

Da mesma forma, outros artistas performáticos permanecem em ação durante todo o tempo. Nas laterais, Karlla Giroto improvisa coreografias por horas a fio em sua performance “Dança estranha”; Gabriel Vidolin se mantém em silêncio em sua cozinha improvisada, disponível para que o público se sente e conte uma



DIVULGAÇÃO/ÊNIO CESAR

Esforço. O artista goiano Paul Setúbal sustentou por dez horas a escultura de Franz Weissmann de 250 quilos

história para ele; o coletivo paulistano Brechó Replay mescla diferentes linguagens para abordar temas como representatividade e empoderamento; e a dupla Protovoulia disputa objetos em meio a um monte de cinzas.

O choque com o espírito da feira está ainda presente na obra do Brechó Replay, cujos membros vivem também em coletividade e trouxeram ques-

tões de seu cotidiano para o centro da performance.

— Ter um espaço exclusivo é uma forma de trazeremos nossas questões para a feira, mas em vez de pensarmos nisso só como oportunidade, também questionamos o fato de a performance não estar presente assim antes. A representatividade que queremos também se relaciona ao público. Por isso, pintamos na parede a quantidade de pessoas ne-

gras que vieram aqui assistir — comenta Eduardo Costa, do Brechó Replay, apontando a parede branca com 26 riscos vermelhos.

Em sua performance, Karlla Giroto convida o público a interagir e dançar com ela, o que não aconteceu com frequência durante a abertura da SP-Arte:

— Há um sistema instaurado lá fora, as pessoas vêm para uma grande feira, com todos os seus códigos. Quando elas

entram, este registro é rompido, e elas têm que se colocar à disposição das obras também. A maioria não consegue atravessar essa linha, mas nos momentos em que essa interação aconteceu, foi muito intenso.

Para a curadora deste setor, Paula Garcia — brasileira que vive em Nova York e é colaboradora do Marina Abramovic Institute — o fato de a performance ter ganhado um espaço próprio colocou a linguagem no mesmo patamar de outras linguagens presentes à SP-Arte, como a pintura e a escultura.

— Isso é uma tendência mundial, a diferença aqui é que a maior parte dos artistas presentes não tem representação de galeria. É uma estratégia para criar um diálogo com o mercado, e a partir disso cada um cria seu protocolo de venda. O vídeo também passou por esta transformação, com o tempo passou a estar ser inserido pelo mercado — aponta Paula. — Antes a performance já fazia parte da SP-Arte como vitrine, mas este tipo de projeto poderia ser feito em qualquer tipo de instituição. O interessante de realizá-lo numa feira é abrir um espaço de respiração, onde o visitante se torna parte do trabalho. ●

Nelson Gobbi viajou a convite da SP-Arte